

A potência do encontro interracial no espaço da formação psicanalítica

Transgredindo os pactos de silenciamento

Marleide Soares Pereira + Pedro Robles

Texto apresentado na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, realizada em 29 e 30 de maio de 2024.

Marleide Soares Pereira é psicóloga, psicanalista com intervenção clínica antirracista. Estudiosa de psicologia e racismo no eixo da negritude – infância. Atuou com adolescentes em medidas socioeducativas e com crianças e adolescentes em acolhimento institucional. Foi supervisora na Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social – SMADS. Integrante do GT Comunidade de Destino, no Instituto Sedes Sapientiae, e membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi.

Pedro Robles (Peu) é cientista econômico e psicanalista pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Atuou na Residência Terapêutica do Butantã, no IPq do HC/FMUSP e coordenou grupos de adolescentes nos Projetos Terapêuticos, passando também pelo NURAAJ. É documentarista, com foco em direitos humanos, atuando em áreas de conflito no Brasil, Palestina, Haiti e Egito. Atualmente, participa de grupos sobre saúde mental, como “A Criança na Cidade”, e integra a Comissão de Reparação do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Resumo Este artigo destaca a importância do letramento racial nos espaços formativos, além das políticas afirmativas, para garantir seu sucesso. Faz uma análise da interação entre as pessoas com diferentes níveis de letramento racial em um ambiente de formação psicanalítica. O foco está na potência do encontro entre uma mulher negra e um homem branco, autora e autor deste texto. Ambos com consciência racial suficiente para analisar criticamente as dinâmicas de subalternização presentes, mesmo em iniciativas de reparação histórica. O artigo defende que um letramento racial adequado é parte complementar das políticas afirmativas e essencial para uma prática psicanalítica mais consciente e capaz de transformar essas estruturas.

Palavras-chave letramento racial; racismo; políticas afirmativas; reparação histórica; relações interraciais; branquitude.

DOI: 10.70048/percurso.73.85-90

1 O grupo de trabalho *Comunidades de Destino* integra a Área de Formação Contínua do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

2 G. Kilomba, “Quem pode falar?”, in *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, p. 51.

“Temos, inclusive, duas mulheres negras aqui” foi a frase dita por um integrante do nosso grupo de trabalho *Comunidade de Destino*¹, enquanto produzíamos coletivamente um texto de apresentação sobre o nosso processo para outros integrantes do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Na ocasião, os comentários que nasceram dessa fala traziam consigo a importância da troca, possibilitada pela diversidade racial do grupo, mas também deixavam explícita a instrumentalização dessa mesma diversidade, que agora tomava ares de grande feito. O grupo sugeriu então que eu, Marleide, uma dessas mulheres negras, apresentasse à instituição o texto construído em conjunto. Não aceitei. Por sorte, debruçamo-nos sobre Ferenczi, e a constatação dessa situação nos trouxe, com entusiasmo, até aqui.

Cabe uma observação: eu estaria na apresentação do texto não só para falar sobre o grupo e sua produção, mas principalmente para servir de exemplo das políticas afirmativas de inclusão racial. Portanto, num lugar deslocado de alguém que apresentaria um trabalho.

Grada Kilomba se refere ao espaço formativo como ainda um local não neutro. “Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras”, e continua: “Nesse espaço temos sido descritas/os, classificadas/os, desumanizadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os, mortas/os”². São notáveis todos os esforços para ter cada vez mais não brancos nesses espaços, mas uma vez as portas abertas, este trabalho busca se debruçar sobre algumas tensões que emergem dessa interação, assim como oferecer um destino possível para elas.

O convite para apresentar o trabalho foi um triste exemplo do que escapa. O que seria, por parte do branco, colocar o negro em evidência senão para mostrar suas virtudes de “bom moço” mantendo a



quando ainda pequena,
lembro-me das orientações
de vovó sobre
meu não lugar

lógica de subalternação do negro? Por outro lado, não foram apenas os negros que se incomodaram com a situação. Brancos iniciados no letramento sentiram-se motivados a discursar sobre o contexto e transformá-lo num significativo analisador das dinâmicas estabelecidas.

Meu nome é Marleide Soares Pereira, sou uma mulher negra de 57 anos, nordestina, da cidade de Campina Grande, na Paraíba, da qual saí quando tinha 16 anos para São Paulo. Quando ainda pequena, lembro-me das orientações de vovó sobre meu *não lugar*. Dona Isaura era a mensageira de que eu seria mal acolhida no mundo, em função da minha cor. Foi quando, por sobrevivência, precisei inaugurar em mim um corpo branco, um corpo estranho (teratoma?). Durante a vida, são muitas as violências que sofremos. Mas, talvez, a maior delas seja conviver de forma ambivalente com esse corpo. Hoje posso dizer que ele me ocupa menos e, para sobreviver, me posiciono cotidianamente, pois a neutralidade é um privilégio.

Meu nome é Pedro Robles, homem branco de 38 anos, nascido em São Paulo, no Sudeste do Brasil. Faço parte do grupo *Comunidade de Destino*, assim como a Marleide. Fui profundamente afetado ao escutar suas experiências traumáticas, interpretadas por ela, à luz da obra de Ferenczi. Acompanhar suas dores ganhando novos sentidos provocou em mim um profundo deslocamento a partir do constrangimento que senti ao me reconhecer como opressor. Embora doloroso, esse caminho nos aproximou e, a cada interação subsequente, avançamos em direção a um lugar comum.

Inspirados pela perspectiva de Ferenczi, defendemos uma psicanálise viva e que tensiona, e viemos invocá-la por meio destas linhas. Pela ótica da teoria do trauma, pretendemos convocar todas as pessoas a se deslocarem do seu lugar naturalizado: do branco opressor e do negro subalternizado.

Nos últimos anos, acompanhamos os movimentos legítimos de algumas instituições de psicanálise em produzir reparação histórica aos que ficaram marginalizados de seus espaços. Novas normas – tais como políticas de cotas para não brancos, espaços de discussão, eventos – foram criadas e ganharam força no dia a dia do meio psicanalítico. Mas, para que esses esforços e as políticas de reparação tenham êxito e alcancem, de fato, seus objetivos, é necessário que haja a experiência de continuidade, garantindo um ambiente de não vulnerabilidade para o negro.

Ferenczi muito pode contribuir ao jogar luz nesses processos, uma vez que seu enfoque nas relações e a sua crítica às posições de sujeição trouxeram uma nova sensibilidade à psicanálise. Cabe a nós fazer dessas vias abertas novos tensionamentos, contribuindo, nesse caso, para um espaço de formação em que a pessoa negra experiencie uma dinâmica diferente, não mais aquela traumática.

Em continuação às políticas afirmativas, torna-se necessário que o ambiente como espaço de formação seja composto por pessoas com um nível de letramento racial que possibilite a habilidade de ler, interpretar e perceber o ambiente a partir de uma ótica racializada, e que possa construir um senso crítico de igualdade para as relações raciais. O letramento racial antecede uma ação antirracista e deve ser um pressuposto estabelecido num espaço de formação que se propõe a ofertar políticas afirmativas de inclusão étnico-racial.

No entanto, é gritante em toda sociedade a taxa de analfabetismo no que tange a esse letramento. Esse analfabetismo, apesar dos genuínos esforços de letramento, ainda hoje se faz presente num espaço coletivo de formação psicanalítica, e dificulta grandemente o sucesso dos investimentos para a política afirmativa, sem considerar os desdobramentos da manutenção dos psicanalistas

brancos num lugar de privilégio e narcisismo social, como é apresentado por Cida Bento na temática do pacto narcísico da branquitude, em que tudo converge para a manutenção do lugar de privilégio do sujeito opressor³. E a quem compete a responsabilidade de letramento racial? Aos dirigentes do espaço de formação? Aos psicanalistas em formação? A resposta é: a responsabilidade é de todas as pessoas que formam essa comunidade. Isso quer dizer que o empenho de letramento deve permear todo o espaço formativo de forma estruturada e verticalizada.

O corpo diretivo tem a iniciativa e a ação de inserir as políticas afirmativas; a partir daí, a tarefa cotidiana da inclusão é de todos os envolvidos nessa comunidade, inclusive fazendo propagar para além dos muros das instituições.

Foucault, em *O poder psiquiátrico*⁴, nos oferece ferramentas para pensar o que escapa nos espaços de formação, assim como para enxergar as dinâmicas institucionais que regulam a vida e produzem subjetividades. Para Foucault, o poder disciplinar hierarquiza os indivíduos com base em sua conformidade com as normas, criando estruturas de poder e controle. A dinâmica normativa acaba por ser também excludente, uma vez que, quando se cria uma nova norma, necessariamente se produz o que está fora dela: o excluído, o subalterno. Assim, criar novas normas como as políticas de reparação não é suficiente, pois novos restos que escapam à norma são criados, e a reprodução da lógica de domínio persiste com outras roupagens.

Assim, considerando que sempre algo escapará, como podemos, guiados pelas contribuições de Ferenczi, encaminhar-nos para um campo formativo vivo? Como enfrentar a lógica de dominação e subalternização? Ora, ao jogar luz sobre os processos de relação e poder, estamos necessariamente trazendo à tona as dinâmicas dos afetos em jogo, algo que foi largamente explorado por Ferenczi, desvendando camadas e jogos que conferem dimensões políticas aos afetos.

»
o processo de relação
social em que está presente
uma lógica de domínio
é potencialmente traumático

O processo de relação social em que está presente uma lógica de domínio, como a existente no contexto interracial de negros e brancos, é potencialmente traumático, a menos que as pessoas envolvidas tenham o entendimento das vulnerabilidades presentes, como também a compreensão do racismo estrutural ainda vigente no Brasil, incluindo a falácia de que há um convívio harmônico entre as diferentes raças. O que é pura hipocrisia, um desmentido!

A definição de trauma numa forma simples e no sentido de trauma físico é o resultado de um confronto entre corpos ou objetos de peso e velocidades díspares, capaz de provocar lesões ou deformidades no organismo, sobretudo no corpo ou objeto na condição de menor compleição física.

Mas, vamos agora adentrar no trauma psíquico, da maneira em que Sándor Ferenczi apresentou. Esse autor trouxe uma importante contribuição para entender e tratar as consequências de relações em que a violência imposta causou traumas.

Para Ferenczi, o trauma é um acontecimento factual causado por um fator externo. Considera o ambiente determinante para a traumatogênese. É no contexto relacional que o agente com poder violenta o outro submetido e subjugado, sem que tenha condições suficientes para se defender. Porém, o trauma não se confirma por si só com a existência do ato traumático, Ferenczi entendeu que é consumado a partir do *desmentido*, a não validação pela pessoa em que a vítima depositava esperança de reconhecimento de sua dor.

Até então, foi apresentado o trauma psíquico com os personagens identificados, mas há um tipo de trauma, mencionado por Jô Gondar no

3 M.A.S. Bento, *O pacto da branquitude*.

4 M. Foucault, aula de 21 de novembro de 1973, in *O poder psiquiátrico*, p. 49-73.



*o branco ocupa
em potencial o lugar
de objeto traumatogênico
definido por Ferenczi*

texto: “Ferenczi como pensador político”⁵, que se estende ao campo social. A autora cita o sociólogo Kai Erikson⁶, que se debruçou sobre regiões vitimadas por acidentes ecológicos ou violências humanas. Erikson chegou à conclusão de que essas violências resultaram em pessoas e comunidades traumatizadas, cunhando o termo *trauma social*. Para ele, o não reconhecimento por parte dos responsáveis pelos acidentes teria consolidado a situação traumática, o desmentido.

É na intersecção do que há de pessoal e social que pretendemos explicar sobre o trauma que pode resultar da relação interracial entre brancos e negros. O branco ocupa em potencial o lugar de *objeto traumatogênico* definido por Ferenczi como objeto externo: pessoa que exerce participação em provocar o trauma⁷.

Ao modo Ferenczi de dedicar uma atenção especial ao que se passa com as crianças, faremos uma digressão a esse lugar onde tudo começa, e com o racismo não ocorre diferente, essa criança mal acolhida pelo racismo será o adulto que aparecerá em nossos consultórios para realizar as *análises de crianças com adultos*.

A interação potencialmente traumática entre pessoas negras e brancas começa já no ambiente escolar. Segue um exemplo bastante comum: uma criança negra consegue, com muito esforço, dizer aos adultos que seus colegas a depreciaram em relação ao seu cabelo crespo, e tem como resposta do adulto que tal atitude foi só uma brincadeira. Com isso, ocorreu o desmentido – aquele que deveria proteger a vulnerabilidade da criança não o fez e invalidou a experiência.

No exemplo acima, ocorreu um trauma pessoal, a criança sofreu uma agressão de cunho

racista por parte dos colegas, mas também sofreu uma agressão com o personagem não identificado, um trauma social que teve como agente causador o racismo que permite que crianças se sintam autorizadas a depreciar o cabelo de uma colega negra. A pessoa adulta e o contexto institucional que deveriam proteger e identificar a vulnerabilidade da criança negra não o fizeram.

A escola passa a ser esse lugar de convívio social potencialmente traumático no qual essa criança precisa seguir, num cotidiano marcado pelo que Masud Khan conceituou com *microtrauma cumulativo*⁸. Para sobreviver psiquicamente a esse cotidiano de microtraumas, a criança teve de se identificar com o agressor, o branco-objeto traumatogênico, instalando em si o sujeito branco como modelo para se constituir como sujeito.

Ainda sobre o conceito de *microtrauma cumulativo* o autor descreve como pequenos eventos estressantes repetidos ao longo do tempo podem causar danos psicológicos significativos em crianças, especialmente quando estão altamente dependentes de figuras parentais, de maneira especial da mãe. Segundo ele, isso ocorre por falha dessas figuras como *escudo protetor*. Ele destaca a importância do ambiente emocional e das relações interpessoais na formação do desenvolvimento infantil, ressaltando como mesmo eventos aparentemente insignificantes podem ter um impacto profundo quando ocorrem repetidamente durante os estágios iniciais da vida, resultando num sujeito traumatizado.

Cabe acrescentar aqui que o contexto ambiental em que nos debruçamos neste texto, o espaço de formação psicanalítica, está inserido no que Ferenczi nomeou de *vestígios do traumático*, que se inscreve na memória corporal. Esse ambiente pode suscitar o mesmo desamparo psíquico de outrora, aquele de quando a criança sofreu a primeira agressão traumática. Os corpos negros transitando no atual espaço formativo estão imersos em memórias do antes e do agora, com toda sorte das angústias desencadeadas; uma pulsão solta que busca um lugar de assento e assimilação psíquica, elaboração.

Propiciar ações afirmativas para inserção e manutenção de pessoas negras nos espaços de formação é uma forma de reconhecer que houve descuidos para com elas. Sobretudo garantir que esses corpos ocupem o lugar que é seu por direito, e nada mais que isso! É reparação psíquica para os sujeitos negros, bem como para a sociedade.

Ferenczi, atento em como estar diante do sujeito traumatizado, ressalta em “Confusão de língua entre os adultos e a criança” a necessidade do analista em lidar com suas próprias resistências e sair da sua posição hipócrita ao reconhecer seus erros, ganhando, assim, a confiança do paciente: “Essa confiança é aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico. Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatória, mas como lembrança objetiva”⁹.

O que, ao trazer para a nossa discussão, nos dá indícios dos efeitos significativos do reconhecimento por parte do branco sobre a hipocrisia quanto ao seu racismo. Em “Análises de crianças com adultos”¹⁰, a ideia proposta, principalmente em casos relacionados a traumas, é a de que o analista deve se situar *na mesma linha do paciente*. Para isso, deve entrar em contato com sua própria dimensão infantil interna, vulnerável. Está propondo a inauguração de um campo comum a partir do encontro entre aqueles que buscam construir um destino sem garantia prévia, à comunidade de destino. O autor não nega a assimetria presente nas relações, mas introduz uma horizontalidade possível a partir de deslocamentos genuínos. Desse modo, ao pensarmos

»
*a vulnerabilidade do branco
passa por praticar uma ação
ativa do rompimento
de seus lugares de privilégio*

na relação interracial desigual, ainda presente nos dias de hoje, a vulnerabilização do branco se faz necessária para que um destino comum surja no horizonte. Para Frantz Fanon¹¹, a conscientização do branco implica sentir, de maneira *visceral*, as implicações do racismo. Isso envolve não apenas entender racionalmente as disparidades e discriminações enfrentadas por pessoas não brancas, mas também internalizar essas realidades de uma maneira que gere empatia genuína.

O cuidado com as vidas em suas vulnerabilidades tem efeitos diretos sobre a vida política. Ao considerar as precariedades de todos, vamos além dos atos de reparação que, embora sejam muito necessários, ainda mantêm a lógica do dominador e subalterno. O tensionamento deve promover um deslocamento verdadeiro de forma contínua, criando um ambiente em que o protagonismo se estabeleça horizontalmente por meio da ternura, visando a uma verdadeira transformação política. A vulnerabilidade do branco passa por praticar uma ação ativa do rompimento de seus lugares de privilégio para transgredir a lógica de domínio, propondo uma relação diferente de estar com o outro, no sentido do que Ferenczi chamou de sentir dentro.

5 J. Gondar, “Ferenczi como pensador político”, *Cadernos Psicanalíticos CPRJ*, v. 34, n. 27, p. 193-210.

6 K. Erikson, “Trauma y comunidad”, in F. Ortega (org.), *Trauma, cultura y historia: reflexiones interdisciplinarias para el nuevo milenio*, p. 63-84.

7 S. Ferenczi, “Análises de crianças com adultos”, in *Psicanálise IV*, p. 69-83.

8 M. Khan, “O conceito de trauma cumulativo”, in *Psicanálise, teoria, técnica e casos clínicos*, p. 57.

9 S. Ferenczi, “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, in *Psicanálise IV*, p. 97-106

10 S. Ferenczi, “Análises de crianças com adultos”.

11 F. Fanon, “A mulher de cor e o homem branco”, in *Pele negra, máscaras brancas*, p. 41-56.

Referências bibliográficas

- Bento M.A.S. (2021). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Cobogó.
- Erikson K. (2011). Trauma y comunidad. In Ortega F. (Org.), *Trauma, cultura y historia: reflexiones interdisciplinarias para el nuevo milenio*. Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia.
- Fanon F. (2020). A mulher de cor e o homem branco. In *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: UBU.
- Ferenczi S. (1992). Análises de crianças com adultos. In *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault M. (1973-74). Aula de 21 de novembro de 1973. In *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gondar J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos Psicanalíticos CPRJ*, Rio de Janeiro, jul./dez.
- Khan M. (1997). O conceito de trauma cumulativo. In *Psicanálise, teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Kilomba G. (2019). Quem pode falar? In *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.

The power of the interracial encounter in the space of psychoanalytic training: transgressing the pacts of silencing

Abstract This article highlights the importance of racial literacy in training spaces, in addition to affirmative policies, to guarantee its success. It analyzes the interaction between people with different levels of racial literacy in a psychoanalytic training environment. The focus is on the power of the encounter between a black woman and a white man, authors of this text. Both with sufficient racial awareness to critically analyze the existing dynamics of subalternization, even in historical reparation initiatives. The article argues that adequate racial literacy is a complementary part of affirmative policies and essential for a more conscious psychoanalytic practice that is capable of transforming these structures.

Keywords racism; affirmative policies; historical reparation; interracial relations; whiteness.

Texto recebido: 08/2024.

Aprovado: 09/2024.